

## **As fichas caíram, as da psicanalista não! - um caso de fixação -**

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Gostaria de iniciar esse artigo citando minhas credencias como psicanalista, faço isso propositadamente com a explícita intenção de registrar autoridade nesse campo do saber. Devo, atendendo ao objetivo do presente artigo, modificar o modo habitual de me posicionar com relação às minhas naturais demandas narcísicas, modo esse que pode ser constatado nos inúmeros artigos que já escrevi para esse jornal. Deixo aqui transparecer sem nenhuma modéstia ou pruridos morais tais credenciais, me refiro aos títulos mais específicos, sem levar em conta colaterais, e principalmente, meu trabalho clínico na área da psicanálise nessa cidade durante tantos anos: membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro (APERJ), da Sociedade Brasileira de Psiquiatria (ABP), da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), da Associação Brasileira de Psicanálise, da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), integrante e participante do movimento psicanalítico iniciado em 2000 na França, na Universidade de Paris, Sorbonne: os Estados Gerais da Psicanálise (*Les Etats Généraux de la Psychanalyse*) e, por fim, Associate Member of the International Psychoanalytical Association (IPA), essa última, instituição criada pelo próprio pai da psicanálise Sigmund Freud. Minha análise didática (análise de formação de um psicanalista), e me sinto honrado por isso, teve uma descendência direta do divã de Freud, pois fui analisando de Moisés Tractenberg, que foi analisando de Angel Garma, que por sua vez foi analisando de Theodor Reik, que, por fim, foi analisando de Freud. Ou seja, 5ª geração fermentada do tradicional berço psicanalítico do médico de Viena.

Se me permito a fazer esse relato exibicionista me expondo a cabíveis e justificadas criticas é pelo compromisso de honestidade, respeito básico aos LEITORES, que a psicanalista Maria Adélia Gomes de Mattos chama, curiosamente, de leitor-eleitor. Que categoria seria essa cunhada pela autora? E com que finalidade? Aí tem! Portanto o meu artigo não é para rebater os inúmeros deslizes da articulista notórios a qualquer um mais esclarecido, mas de contribuir para tornar claro para o público leitor, e, sobretudo, para ela mesma, que demonstra um grau elevado de desinformação, afinal, de acordo com o início de seu artigo de 16 de junho próximo passado, “*a função da imprensa é primordialmente informar*”, e

não ENFORMAR “devidamente” (colocar na forma que convém), como parece a função do dito artigo.

Já tinha ouvido comentários que uma psicanalista frequentemente vinha às páginas desse jornal para “*meter o pau no Lula*”. Não tinha ainda apreciado nenhum desses artigos até que “as fichas caíram” e meu chegou às mãos tal “preciosidade”. Meu Deus! Só chamando o Pai Eterno. Quanta irresponsabilidade! Ou rancor? Ou fixação?

Não preciso também sair em defesa do honrado Lula, PRESIDENTE DO BRASIL, eleito soberanamente pelo povo (sem parabólicas), que possui suficiente envergadura moral e intelectual para sair incólume dos ataques de seus costumeiros detratores – digo detratores, não críticos, pois se trata de difamar, não de criticar, críticas que afinal todo líder consistente sofre e até merece, pois possui o nosso presidente trajetória suficiente para merecer críticas. Meu objetivo é, simplesmente, esclarecer os LEITORES (incluindo a psicanalista), eleitores ou não.

O artigo de Maria Adélia parte de uma premissa absolutamente equivocada o que torna seu artigo um equívoco do início ao fim, fim da picada que se encerra (ou em-Serra) com uma não menos equivocada “interpretação psicanalítica”. Induzir aos leitores que Lula venceu as eleições auxiliado principalmente pela mídia chega a ser pueril, cômico ou, o que lamentavelmente parece o caso, mal intencionado. Tal afirmação demonstra a total ignorância da autora do processo histórico e político-social brasileiro, da história do Partido dos Trabalhadores fundado pelo Presidente da República, e, sobretudo ignorância sobre a mídia. Deveria, já que gosta de fazer citações, ler profundamente o sociólogo Muniz Sodré, intelectual tão afeito à psicanálise e que tem contribuições valiosas sobre o tema. Lula ajudado pela mídia. Pode? McLuhan se virou no túmulo!

O equívoco da “interpretação psicanalítica” está no próprio texto da autora, pois sabemos como o sentido inconsciente corre e trai o desavisado sujeito. Diz triunfante referindo-se evidentemente e conscientemente aos “*senhores(as) da mídia*”, mas traindo-se inconscientemente: “*como psicanalista vejo o desejo de não entender nada (...)*”. Ou seja, o desejo que vê a autora é o que ela mesma deseja ver, ou seja, deseja não entender nada, e, que lamentavelmente parece um fato, negado pelo “emburrecimento neurótico”, segundo ela. Ora, descontando a grosseria, só se poderia falar de uma “burrice neurótica” no sentido emocional (oposto ao conceito moderninho de inteligência emocional) e não intelectual como desastradamente se refere. Só faltava essa para se colocar na bagagem do sofrimento psíquico do sujeito, além de neurótico,

burro. Que desrespeito! Que diria o genial e neurótico Woody Allen diante disso?

Mas nada disso seria sério e mereceria meus comentários, tratando-se que é de pura falta de esclarecimento, não fosse a autora anestesiando sintomaticamente por trás das falas que procura atribuir à mídia, sua própria fala venenosa inoculada. Seria melhor tirar a mídia disso e assumir sua fala abertamente: sou preconceituosa mesmo! Gostaria de ter me pronunciado contra sua eleição, mas não podia naquele primeiro momento. Tive que engolir ressentida sua vitória. Mas agora que os naturais desgastes do governar me permitem me uno com meus preconceituosos textos a todo esse lixo veiculado na mídia eletrônica, sobretudo a internet. Ele será uma “*celebridade meteórica*” e irá desaparecer de meus sentidos, afinal não sei nada de sua histórica celebridade, pois desejo não entender nada. Ele não pode continuar sendo a autoridade máxima desse país que me faz ver minha autoridade mínima. Se colunistas e formadores de opinião podem enaltece-lo, eu, en-formadora de opinião posso detrata-lo. Posso denunciar sua origem humilde. Ah! Como gostaria que ele fosse ignorante e tivesse apego ao copo, que se afogasse em gafes, erros, omissões, teimosias e contradições para meu deleite pequeno burguês. Não é possível que não vejam que se trata, diferente de mim, de pessoa sem cultura, sem classe, que não sabe usar as palavras certas no lugar certo, um falador contumaz que faz coisas perigosas como “misturar uma dose de uísque com o improvisado”. Eu misturaria melhor, poderia ser até presidente se quisesse, mas tenho que me contentar de ser uma pequena função de imprensa com a missão de “informar”. Como gostaria de abrir os jornais e realizar meus desejos inconfessos de ver Lula associado as Farc, ao narcotráfico, ao crime organizado, ao sangue no campo e a toda essa violência que eu, evidentemente, não ajudei a construir. Quem sabe não é membro da Al-qaeda? Vou pedir a Regina Duarte para contar para o Bush. Como quero ler que todos os meus leitores-eleitores vão restituir aquele neoliberalismo sem-vergonha nas próximas eleições. Atenção Petrópolis! Como saborearia ler nos jornais, inclusive neste, que o caos aconteceu como eu previa e alucinadamente desejava. Pobre Lula, como eu desejaria vê-lo empobrecido de novo para me certificar que as coisas nesse país não vão mudar nunca. Que lugar de humilde é na humildade, lugar esse que nunca deveria ter saído para vir perturbar meu sono. Minha infame teoria poderia ser verdadeira, e se os senhores da mídia ajudaram a colocar Lula na presidência, eu, pequena senhora da mídia posso ajudar a tira-lo. Ficaria famosa que nem os midiáticos Miriam Leitão ou William Bonner, já que não tenho capacidade de ser presidente do Brasil. Mas nem isso!

Pergunta em seu artigo: por que ele (Lula) age assim? Mas não se pergunta: por que ajo assim? Não se pergunta porque não pode. Porque não consegue combater o crime organizado que trafega solto em seu inconsciente, deixando tanto cheiro de morte dentro de si e que gostaria que Lula (quem sabe um analista) combatesse.

Por que não se pergunta? Trata-se de conteúdos recalçados. É o velho conceito tão conhecido dos estudantes de psicologia: fixação. Que para a psicanálise é o fato da libido está fortemente aderida a pessoas (Lula ou o que ele representa) ou imagens ou ainda de reproduzir determinado modelo repetitivo de satisfação (escrever artigos feiosos).

Um psicanalista pode evidentemente vir a público para opinar sobre qualquer assunto e fazer suas considerações e críticas. Mas numa verdadeira *compulsão à repetição* detratar a figura do Presidente da República Federativa do Brasil é na melhor das hipóteses um sintoma e, na pior, uma ofensa à nação, além de uma desonra à psicanálise que contribuiu tanto para varrer o odioso preconceito, como o anti-semitismo de que tanto sofreu Freud. Resta num entanto uma esperança, pois como dizia Lacan “*o negativo do ódio encobre o positivo da paixão*”.

Ps1. Não pretendo, qualquer que seja a repercussão de tal artigo, me envolver em qualquer querela jornalística posterior, pois pretendo guardar minhas energias para outros objetivos mais sublimes.

Ps2. Declaro, em nome da própria honestidade defendida no artigo, que me filiei ao PT por acreditar na honra do presidente e de seus colaboradores, colaborando desse modo para seu projeto de um Brasil mais decente. Portanto a imparcialidade de meu artigo pode, perfeitamente, ser questionado.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).